

# GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, Bruno, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, J. F. de Rosiers, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Ricardo Cardozo, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 35

Junho — 1883

2.º anno

## FERNANDO GARRIDO

A democracia da raça latina acaba de receber dois golpes profundos! mais dois soldados batalhadores e incessantes, acabam de succumbir aos golpes da parca implacavel! um em Italia, outro em Hespanha! está portanto de lucto o partido republicano europeu.

A *Galeria Republicana* prestando tributo á memoria do infatigavel demolidor, do verdadeiro obreiro do progresso; insere hoje nas suas paginas o retrato e biographia de Fernando Garrido, o incansavel propagandista, o extrenuo defensor do povo e derruidor dos thronos.

Fernando Garrido nasceu em Cartagena a 6 de Janeiro de 1821. Aos 16 annos estabeleceu residencia em Cadiz com sua familia, dedicando-se arduamente á pintura, a cuja arte tinha grande aflicção, exercendo-a, até que a falta de vista o privou de continuar com ella em 1866, em cuja data já possuia os meios sufficientes não só para attender ás necessidades da vida, como para suprir ás despesas a que era obrigado pelas obras de propaganda que ia escrevendo e editando, e para resistir ás perseguições e desterros de que era victima.

Em 1841 principiou a escrever sobre litteratura e politica, em alguns periodicos de Cadiz, taes como *A Estrella*, *A Caridade*, *O Inferno*, *O Santo do Dia* e o *Democrata de Cadiz*, diario republicano federal.

Em 1845 foi para Madrid, e no anno seguinte publicou uma revista sob o titulo *A Atração* que teve trez mezes de existencia, correspondendo ao seu titulo, pois que devido a ella se formou em Madrid o primeiro nucleo democrata socialista, do qual faziam parte Sixto Cámara, Ordax Aveçilla, e outros que seria inutil enumerar.

Em 1847, de sociedade com Frederico Beltran, Juan Sala, Sixto Cámara, Manuel Maria Coronado e outros, fundou Garrido a *Organização do Trabalho*, periodico bimensual, em que elle expunha a theoria societaria de Carlos Fourier, da qual parece ter sido sempre partidario. Este pe-

riodico foi supprimido como o foram outros, pelo governo de Narvaez em Maio de 1848.

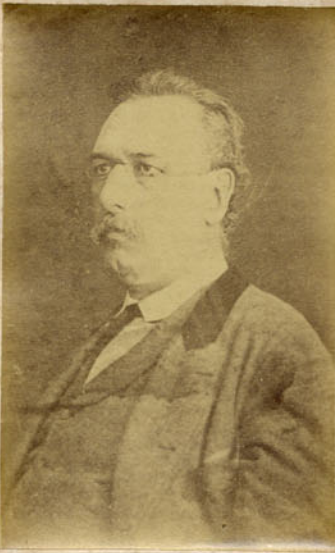
Em 1849, subdividido em trez, o primeiro grupo de democratas-socialistas, publicou Garrido *O Eco da Juventude*, em cuja

forma, de Sixto Cámara, e *A Crença*, de Ordax Aveçilla, sob o titulo: *A Associação*, diario democrata-socialista, que dirigiu Ordax Aveçilla em cuja redacção tomaram parte os redactores dos jornaes refundidos, aggregando D. Francisco Javier Moya, D. Francisco de Paula Canalejas e outros escriptores que mais tarde teem abandonado as suas idéas de então. Naquelle mesmo anno publicou Garrido um folheto *Defensa do Socialismo*. O governo supprimiu o jornal *A Associação* e querellou do folheto, sendo o seu auctor condemnado a 54 mezes de prisão e encerrado no Saladero em Maio d'aquelle anno, de onde sahiu 12 mezes depois com a condição de ser expatriado.

Emquanto esteve na prisão, publicou um folheto intitulado *A democracia e as eleições de 10 de Maio*, e concorreu bastante para a fundação dos periodicos semanas *A Officina* e *O Trabalhador*, em que tambem collaboraram os malogrados Antonio Ignacio Cervera, José Vich, Leandro Rubio, Federico Beltran e outros escriptores democratas-socialistas.

Expulsado de Hespanha, foi Garrido para Londres, e ali junto com Antonio del Riego, representou a democracia hespanhola no *Comité Europeu*, composto de Mazine, Kossút, e Ledru Rollin. D'alli collaborou na *Fraternidade* e em outros periodicos que em Madrid publicavam os seus amigos.

Nos primeiros dias da revolução de 1854 voltou Garrido á Hespanha, e publicou um folheto sob o titulo de *Espartero e a Revolução*, do qual se fizeram muitas edições, cujo folheto tinha por fim demonstrar que, da indole d'aquelle movimento revolucionario, embora a rainha de Hespanha estivesse em seu palacio, o verdadeiro chefe da nação acclamado pelo povo, era Espartero. O governo d'este querellou do folheto e Garrido foi conduzido ao Saladero. Um mez depois foi responder perante o jury sendo seu defensor Emilio Castelar que pronunciou um brilhante discurso, sendo Garrido absolvido por unanimidade; não ficou por em liberdade, porque tendo fundado de sociedade com Antonio Ignacio Cre-



FERNANDO GARRIDO

redacção tomaram parte alem de alguns dos já citados, D. Domingo da Vega, Cancio Vellamil, Rodriguez Pinilla e outros. Naquelle mesmo anno publicou um folheto sob o titulo de *Propaganda democratica, derrota dos velhos partidos politicos*, que em poucas semanas teve duas edições.

Em 1850, refundiram-se os jornaes *O Eco da Juventude*, de Garrido, *A Re-*

vera o periodico *As Barricadas* em que sustentava a mesma doutrina do folheto citado, todos os numeros que excediam a 28 foram querellados, e Garrido accitou a responsabilidade de todos elles, o que lhe custou 28 causas, tendo que comparecer 14 vezes perante o jury sendo em todas ellas absolvido.

Como estes feitos constituíam jurisprudencia, resultou d'isto que o jurado pensava como Garrido n'aquella questão determinada, o Governo apresentou ás Cortes a famosa declaração, em que ellas affirmaram que Izabel II e toda a sua descendencia reinavam e reinariam em Hespanha, dando em resultado que a primeira vez que se estabeleceu o regimen parlamentar, 21 deputados votaram contra o throno e a dynastia. Depois da declaração das cortes, o governo mandou suster todas as causas pendentes, e Garrido foi posto em liberdade.

Durante aquelle bienio, continuou este propagandista a sua campanha contra o throno e a dynastia nos jornaes *A Voç do Povo*, e em *A Democracia*.

Foi n'esta epocha que Fernando Garrido escreveu a primeira peça theatral *Um dia de Revolução*, e em que expunha as suas ideias e tendencias politicas, cujo argumento foi tirado da revolução franceza de 48, sendo representada com grande exito durante uma epocha, no theatro Lope de Vega.

Em 1855 publicou em Lérida um novo folheto, *A Republica Democratica Federal Universal*, noções elementares dos principios democraticos. Este folheto foi tambem sequestrado e Garrido preso, estando a ponto de ser julgado em conselho de guerra por se achar a provincia em estado de sitio; foi porem julgado pelo jury que absolveu por unanimidade o folheto, permitindo que circulasse livremente, sendo o seu auctor posto em liberdade.

Esgotada rapidamente a edição em Catalunha, fez-se outra em Madrid com um prologo de Emilio Castelar. Antes de acabar o bienio publicou a terceira edição, e depois até 1867 foram tiradas clandestinamente mais tres edições em Catalunha. Desde os primeiros dias da revolução de 1868 até 1871, publicou a casa editora de Manero, de Barcelona mais dez edições, somando todas mais de 85.000 exemplares. Este folheto foi impresso depois em Montevideo e traduzido em italiano. Depois dos acontecimentos de 1866, emigrou Garrido com Sixto Cámara, Raunualdo Lafuente e outros democraticos que juntamente tinham combatido em Madrid. Voltou a Cadiz em 1857, e de sociedade com os irmãos Bartorello e o infeliz Raphael Guillen e outros escriptores e escriptoras socialistas publicou *El Pensil de Iberia*, e um novo folheto *A Democracia e seus adversarios* em que combatia o néocatholicismo. Porem o governador não o deixou pôr em circulação. Mais tarde foi publicado em Barcelona, com um prologo de D. José Maria Orense. Em 1858 foi Garrido desterrado de Cadiz para Granada, e no fim de poucos dias de estar ali, sendo ministro da governação o sr. Posada Herrera, foi entregue a Garrido o passaporte para o estrangeiro, marchando em seguida para Lisboa, regressando a Cadiz em 1859.

Em julho d'este mesmo anno foi prezo e conduzido a Sevilha rigorosamente escollido, e tres mezes depois julgado em conselho de guerra, accusado de cumplice na conspiração que custou a vida ao infeliz Sixto Cámara e mais cinco militares e paisanos que morreram no cadafalso, por quererem derrubar o throno e as instituições, sendo Garrido absolvido por unanimidade.

Posto em liberdade dirigiu-se Garrido para Barcelona, e n'aquell' mesmo anno publicou alguns volumes em 4.º de com-

posições litterarias em prosa e verso, e varias peças theatraes com o pseudonymo de Evaristo Ventosa, e mais um volume em 4.º *A Regeneração de Hespanha*. Tambem escreveu em volume a biographia do seu malogrado amigo Sixto Cámara. Em 1860 quando Izabel II foi a Barcelona, circulou uma proclamação contra ella a qual foi attribuida a Garrido, e apesar de não ser elle o seu auctor, teve que emigrar de novo.

Refugiado em Paris primeiro e depois em Londres, escreveu um folheto intitulado *La Democracia e o Socialismo*, que publicou com um prologo de Mazzini, e do qual circularam na peninsula duas numerosas edições.

Em 1862, publicou em francez, em Bruxellas *A Hespanha contemporanea: seus progressos moraes e materiaes no seculo xix*. O exito d'esta obra foi tão grande, que nos annos seguintes teve duas traducções em allemão, uma em Leipzig e outra em Vienna, sendo depois tambem traduzida em dinamarquez em Copenhague, em polaco em Varzovia e em russo em San Petersburgo, e por ultimo publicado em Barcelona em 1865, e reimpressa em 1869.

Em 1864, concorreu Garrido para a redacção de *La Democracia*, de Castelar, e de *A Discussão*, quando se levantou a questão entre socialistas e individualistas.

N'este mesmo anno foi publicada em Barcelona, em dois volumes a obra de Garrido, *Historia das associações obreiras na Europa*.

Em 1865, sob o pseudonymo de Alfonso Torres de Castilha, encetou o editor Manero, de Barcelona, a publicação da obra de Garrido, *Historia das perseguições politicas e religiosas desde os tempos antigos até nossos dias em todos os paizes da Europa*, cuja obra consta de seis volumes com mais de 7.000 paginas em folio. Esta obra terminou em 1867, depois foi traduzida em inglez e publicada em Londres e actualmente está sendo publicada em portuguez em Lisboa, e fazendo-se a 2.ª edição em hespanhol em Barcelona.

Em 1866, e com o mesmo pseudonymo, emprehendeu a publicação da *Historia dos crimes do despotismo* formando quatro volumes em folio. Antes de acabar a publicação d'esta obra, encetou outra sob o titulo *A humanidade e seus progressos*; porem ao terminar o primeiro volume, foi esta excommungada pelo bispo de Barcelona e suspensa a sua publicação.

Regressando a Madrid em 1.º de outubro de 1868, publicou em folha solta o primeiro documento republicano que veio á luz em seguida á *Revolução de Setembro*, intitulado *O novo rei de Hespanha*, e da qual se tiraram centos de milhares de exemplares, em Madrid e provincias, reimprimindo-se n'estas em mais de vinte povoações distinctas.

Antes de terminar este anno, foi Garrido a Barcelona e encetou a publicação de: *O ultimo Bourbon de Hespanha*, que forma tres tomos de 4.000 paginas, escrevendo ao mesmo tempo e desde a sua fundação, no periodico, *A Igualdade*. Nos primeiros mezes de 1869 publicou em forma de folhas soltas, as cartas politicas dirigidas ao povo hespanhol que lhe enviaram do estrangeiro seus amigos Luiz Blanc, Felix Pyat, Garibaldi e Charles Taquetty.

Foi eleito por Cadix deputado ás cortes de 1869, sendo ao mesmo tempo proposto por outros circulos, obtendo em todos 70.000 votos.

Em 1870, publicou em Madrid uma obra intitulada: *A historia das classes trabalhadoras*, que forma um volume de 1.100 paginas em folio.

Em 1871, publicou o diario: *A revolução social*, que sendo perseguido pelo ministerio Sagasta, obrigou Garrido a emigrar novamente para Portugal, d'onde vol-

tou a Madrid ao formar-se o ministerio Zorrilla em 1872. Nas cortes posteriores ás constituintes de 69, foi eleito deputado pelo circulo de Sevilha, e apenas proclamada a Republica, foi nomeado Intendente geral de fazenda nas Ilhas Filipinas, regressando a Cadiz depois do golpe de estado de 3 de janeiro, chamado pelo governo em commissão de serviço no fim de dezembro.

Durante os seis mezes que teve a seu cargo a administração de fazenda d'aquellas ilhas, não só subiram as receitas publicas das alfandegas e dos tabacos, mas inda mandou para a peninsula 75.000 quintaes de generos, e pagou letras que giravam a seu cargo, pelo governo na importancia de tres milhões de pesetas.

Não podendo pelo seu espirito irrequieto, haver-se com a arbitraria dictadura imperante em Hespanha no seu regresso a Cadiz, dirigiu-se a Lisboa, onde se dedicou á pintura e publicou um folheto intitulado *A rebelião carlista e a Republica federal em Hespanha*.

Por exigencia do governo hespanhol, segundo se disse, o governo portuguez expulso Garrido no mez de julho de 1874, bem como os srs. Gumersindo de la Rosa e Benot, sendo a causa apparente, a publicação em Lisboa de um periodico intitulado: *Europa* (1). Comtudo, Garrido não abandonou Portugal, conservou-se occulto no Porto até 1876, passando n'esse anno para Paris, onde continuou a dedicar-se á pintura, e sustentou durante dois annos uma campanha, publicando sobre as coisas de Hespanha, cartas e artigos nos periodicos *Le Rappel*, *Le Bien Public* e *Les Droits de l'homme*, pelo que esteve por varias vezes em grave perigo de ser expulso de França.

Em 1879, voltou a Hespanha e estabeleceu residencia em Barcelona, onde publicou um folheto intitulado *A cooperação*, noções theorico-praticas das sociedades cooperativas, e uma obra historica, *A restauração theocratica, progressos e decadencia do catholicismo em Hespanha*, da qual se tem feito duas edições, collaborando ao mesmo tempo no periodico autonomista: *A União*.

Em 1880, voltou a Madrid onde publicou duas novas obras intituladas: *A revolução na fazenda do Estado, nas provincias e nos municipios*, e *Pobres jesuitas*, da qual já se publicaram mais edições com pseudonymo. N'esta mesma occasião foi publicada a 7.ª edição da *Republica democratica federal universal*.

Se a todas estas obras se aggregassem os enumeraveis artigos, correspondencias para periodicos francezes, italianos, inglezes, americanos, etc., e a sua collaboração em revistas estrangeiras e hespanholas, haveria para formar com suas obras uma numerosissima bibliotheca. Para levar a cabo tão ardua tarefa, teve que apellar por mais de uma vez, á ajuda e collaboração de varios amigos, para dar cumprimento a seus compromissos, posto que o escrever o não impedisse de tomar uma parte activa na politica.

Assim, pois, segundo elle mesmo declarou, foi D. João Sala seu collaborador na *Historia dos crimes do despotismo* que estava em meio, ao triumphar a revolução de 1868, e D. Ramon Cala na *Historia das classes trabalhadoras*, que Garrido teve de abandonar, para ir em commissão a Paris em 1870, junto de D. Estanislao Figueras, para o que foi nomeado pelo Directorio do partido republicano federal.

Em 18 de maio achando-se gravemente

(1) Acto inqualificavel, cuja recordação jámais se apagará da memoria d'aquelles que, sem culpa alguma e com documentos perfeitamente em regra, como algum dia faremos ver, foram tractados como criminosos, atropellados os seus direitos e prejudicados em seus interesses.



Longe de mim, o desencadear dos sentimentos que mais tarde se deviam transformar em espinhos, para me magoarem; a minha alma esperava as revelações que lhe haviam de ser feitas pela humanidade na qual eu representava a mais fraca vergentea.

Passaram-se uns annos assim, abandonando pouco a pouco, esses brinquedos que faziam todas as minhas alegrias, despertado por um confuso vozear que pela primeira vez devia perturbar a minha innocencia, levando-me á reflexão!

Representava elle, um conjunto de notas discordantes, que, ferindo-me os sentidos, me convidavam a separar-as, procurando-lhes o seu valor relativo!

Fraco o meu raciocínio, vi em toda a simplicidade o que isto queria dizer:

—Os queixumes da humanidade; as suas alegrias; os seus sarcasmos; as suas imprecações; os seus desesperos; junto isto, aos canticos religiosos que me prendiam, encantando-me a suavidade das suas harmonias. Por outro lado, ouvia fallar do chefe da nação que me era буря, admirando a sua grandeza, perguntando a mim mesmo, o que pretendia a humanidade no seu querer variado!

O que é isto? Haverá razão de ser, em tudo que observo n'este labyrintho de paixões, e de gozos, que não comprehendo? Depois, caía n'uma meditação profunda, parecendo-me ouvir a minha consciencia dizer-me com reserva:—Sabel-o-has!

Dizia-se então: o nosso rei; a nossa religião; a nossa familia; e eu, concluia, por julgar tudo isto meu, amando tudo que assim se me recommendava segundo o meu pensar desprevenido!

Não tardou, porém, que a luz da verdade penetrasse em meu espirito, dizendo-me: ter chegado o momento de tudo isso apreciar, segundo ella, accetando, ou rejeitando o que na vida se me offerecia.

Então, vi ter nascido para sustentar o esplendor d'essa luz, pelo estado de inquietação que de mim se apossou! Tremulo, assustado, absorto n'um turbilhão de pensamentos de custosa descripção, lembrei-me com saudade do meu estado anterior, ferido pela revelação, de que a humanidade tinha que lutar contra muitas torpezas.

Que amalgama de crimes! dizia eu horrorisado!—Quem ousará prosterar tantas impurezas, purificando tudo que de odioso observo?

Entretanto, via incensar os Idolos que eu no mundo encontrara; nas igrejas, como nos palacios, onde os seres privilegiados se abrigavam; irriquo, mas mudo ás exclamações da minha alma que me dizia que fallasse! Luctei ainda, mas curta devia ser a lucta entre o meu dever, e a provocação, dos que da minha innocencia abusaram, ao tentarem submeter-me ás suas doutrinas! Então, arranquei-lhes a mascara com que se me apresentaram gritando-lhe a minha consciencia revoltada:—Sois uns perversos! Para traz! infames adutores d'esses Idolos com que nos envergonhaes! Sim! para traz! porque me pertence o futuro, emquanto a morte não tenha que apagar a luz que illuminou a minha alma!

Passaram uns annos, que assim me pronunciára a favor das doutrinas do progresso, quando, descida ao tumulo aquella que tanto me fizera gozar, olhei para a sociedade, procurando encontrar n'ella em que empregar o meu amor. Havia n'ella alguma cousa bastante attrahente; viu-a o meu olhar perscrutador, n'um grupo então já numeroso, clamando justiça! Justiça? disse eu! Ah! eu tambem a quero! O meu coração quer amal-a, como aquellos que por ella se sacrificuem! Que o alvo dos meus anhelos, sejam os que me possam encaminhar a sabel-a alcançar, esclarecendo-me, e guiando-me!

Serão elles, os meus Idolos; constituirão elles, o objecto das minhas affeições; verei n'elles a honra que eu procurei!

De parte a familia, serão os campeões da democracia os meus amores! Ah! sim! sois vos, oh! soldados do progresso, a familia que me faltava, perdida a que eu tanto estremeci, quando a terrivel Parca m'a roubou, conclui eu!

Vendo na lucta tão valorosa phalange de luctadores, cabia-me a honra de participar com ella dos perigos porque passa, e das glorias que a esperam!

Foi esta a segunda phase da minha vida, a mais importante, mas a que mais espinhosa se me apresentara porque era mister trabalhar!

A minha entrada na adolescencia, devia-me fazer reflexionar com toda a força do raciocínio de que eu pudesse dispôr. Como desempenhar a missão que a mim mesmo me impozera, procurando uma arma para o combate em que me ia empenhar? Scismando, encontrei-a na penna que estas linhas traça! Pobre penha, leitor! ella esboça as phantasias que a minha alma antevê, n'um futuro que temo não gozar, encaminhando-me a manejar-a com socego, ou, dando-me o fiesespero, segredando-me se não transformem na realidade que por outras vezes se me afiguram!

Em ambos os casos, soffro as saudades do meu passado, sentindo não voltar a elle, escapando-me a tudo que de mau me circunda. Mas... não! Lançado no caminho do dever; revoltada a minha consciencia, out'ora tranquilla, cabe-me derribar comvosco oh! republicanos a quem tanto quero, tudo que de phantasmagorico se nos apresenta quer nos altares onde a cêra illumine as falsas grandezas com que os decorem, quer nos palacios onde a realza igualmente os ostenta!

Avante, pois! Inutilizemos tudo que tente illudir a humanidade, embora o mais insignificante; representado nos ornamentos de papelão que nas igrejas simulem o finissimo ouro, como as proprias flores que n'elles nos enganem os sentidos!

Destruido tudo que de enganoso nos cerque, como prejudicial á humanidade apaixonada, pelo que só é real e justo, calcaremos a pés os sceptros dos que a opprimem, como as suas corbas, fazendo saír do seu ouro inutil, a arte! Destruidas essas insignias do poder real que nos esmaga, não esquecerão os arminhos da realza juntos ás gallas dos seus sicarios.

Até lá, padres, e cortezaes, que incensaes os idolos que fingiz vos encantam, escutae a voz de uma consciencia que de vós se libertou!—Sois os idólatras do falso; os thuriferarios da lisonja, os apóstatas da verdade pregada pelo Nazareno que nunca sabereis imitar; mais do que isso, assim traduzido: os venenos que mais fazem padecer a humanidade!

Eslarecida a minha razão, pela luz brilhantissima da verdade que assim a interpreta ella lhe reduplica cada vez mais o vigor! Ella, me leva a dar-lhe o logar de honra n'este artigo, exprimindo a sua existencia no amago dos espiritos fortes!

Cegos da humanidade, que a não podeis ver, porque, empanados se acham os vossos sentidos. Fugi! fugi de nós! que vos matamos com as ondas de luz que ella nos dê e que sobre vós espargirmos! Fugi, sim! Emquanto que outros de nós se aproximem, destruindo comnosco, os vossos Idolos, as vossas grandezas ephemerias, os vossos rancores, contra os apóstolos da verdade, escrevendo o que a sua consciencia lhes dicte guiados por essa sacrosanta luz que a epigraphé d'este artigo exprime: a esplendente luz da razão!

J. DE ROSIERS.

## CHRONICA

Alegra-te amigo Zé; sua magestade el-rei *nosso senhor*, regressou da sua bambochata, mais nédio e frescalhão! e tu meu amigo, cheio de cuidados pela sua *preciosa* pessoa, não fazias senão lamentar-te, por que te lembravas que elle não voltaria ao seio do seu *querido povo! não tiveste essa infelicidade*. E dado o caso que sua magestade tivesse esse desejo e o pozesse em pratica; não tinha elle deixado quem o substituisse? Não viste meu amigo, como na curta regencia de sua alteza real, o principe D. Carlos de, etc. etc. etc. e tal... e tal, isto mudou completamente.

Não viste como elle visitava os quartéis, os navios de guerra, os arcanaes e os hospitaes, *sem se fazer annunciado*? Não viste com que destreza elle rebentou um cavallo, na visita que fez ao forte de Sacavem? Que mais desejaes meu amigo?! Desejavas que fosse mais instruido? Pois se era esse o teu desejo, lá vae elle por esses paizes fóra e com uma numerosa comitiva sustentada á custa do bolso do... Zé, aprender o que houver de melhor para teu bem meu amigo. Em Hespanha já elle achou uma coisa de seu agrado, para pôr em pratica no seu paiz quando fór o seu *verdadeiro rei*, não sabes qual foi essa coisa que mais lhe agradou? Foi... foi... foi uma tourada!!!... Em França não achou nada digno de menção, por que ali cheirou-lhe a uma cousa que em Portugal anda no ar. Em Italia se conseguiu beijar a pata, perdão, o pé ao pápa virá um pouco mais jesuita de que foi, apesar de cá já ter um bom mestre. Em Allemanha estudará a politica do sr. de Bismark e na Russia se lá fór estudar bem a fundo os modos *affaveis* com que o czar trata os seus subditos nihilistas, a fim de quando fór rei cá da parvonia, tambem assim tratar os republicanos.

Mais outra bambochata real meu amigo, esta apesar de ter um caracter particular, tambem te sae do suor do rosto amigo Zé, refiro-me á viajata de D. Fernando, sua esposa e o grande e *incomparavel* general Come-Creme, para quem tu pagas individualmente 12 contos para um e 50 contos para outro; mas que queres, elles são os senhores e nós os escravos, por isso é pagar e não bufar até ao levantar da feira.

Depois da approvação de affogadilho da escandalosa reforma de engenharia, foram as cortas prerogadas até dezembro e adiadadas as sessões até novembro, isto é, como talvez esteja na forja mais alguma ladroeira, resolveu o pastor mandar a carneirada descancar das fadigas, na approvação das ditas, e para que se não trasmalhem para outros rebanhos, e voltem ao aprisco com a boa vontade de bem servir o seu pastor, vindo então a pastagem de 3:333 réis diarios á custa do Zé que é quem paga todas as bambochatas.

No dia 5 sepultou-se civilmente no cemiterio occidental, uma filhinha do proprietario d'esta folha de quinze mezes de idade e da nome Rachel de Lima Xavier da Silva Baptista, que havia sido registada civilmente na administração do Bairro Central em 8 de abril do anno findo.

DANTON.

## EXPEDIENTE

Com o proximo numero terminam as assignaturas de semestre; pedimos portanto aos nossos estimaveis assignantes a finese de renovar as suas assignaturas para que não soffram interrupção na remessa.